

OS LIVROS FALADOS: UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO SOCIAL DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

SPOKEN BOOKS: A PATH TO SOCIAL INCLUSION OF READERS IN BASIC EDUCATION

Letícia Queiroz de Carvalho (Ifes)¹
Selma Nathalie Pessotti (Sedu/ES)²

Resumo: Este artigo apresenta uma experiência de ensino com a produção de um livro falado e sugestões de atividades para mediar um trabalho inclusivo de leitura na educação básica, tendo em vista a acessibilidade dos leitores com deficiência visual à leitura de obras literárias de autoria capixaba, com questões e temáticas pertinentes à sua compreensão. Os participantes desse trabalho foram alunos de 9º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Samuel Batista Cruz, localizada em Linhares, cidade do norte do Espírito Santo, como também os alunos da rede municipal de ensino que, no contraturno ao ensino regular, frequentam a sala de atendimento às pessoas com deficiência visual da referida escola. A experiência visa contribuir com a inclusão de leitores com deficiência visual e com a formação do leitor literário, no Ensino Fundamental II, por meio da leitura e da gravação de obras literárias de autoria capixaba, em formato de livros falados. Teoricamente, buscamos um diálogo entre os estudiosos da literatura de autoria capixaba na formação do leitor e a categoria conceitual de alteridade inserida na matriz teórica de Mikhail Bakhtin e o Círculo. Os dados produzidos apontam a importância dos livros falados para garantir às pessoas com deficiência visual, bem como aos alunos envolvidos, o acesso às obras de autoria capixaba e a formação do leitor, em contexto mais dialógico e inclusivo.

Palavras-chave: Alteridade; Formação de Leitores; Educação Básica; Livros Falados.

Abstract: This article presents a teaching experience with the production of a spoken book and suggestions for activities to mediate an inclusive work of reading in basic education, in view of the accessibility of readers with visual impairment to the reading of literary works authored by Espírito Santo, with questions and themes pertinent to their understanding. The participants of this work were 9th graders from the Samuel Batista Cruz Municipal Elementary School, located in Linhares, a city in northern Espírito Santo, as well as students from the municipal school system who, in the shift to regular education, attend the room for people with visual impairment of the said school. The experience aims to contribute to the inclusion of readers with visual impairment and with the formation of the literary reader, in Elementary School II, through the reading and recording of literary works of authorship of Espírito Santo, in the form of spoken books. Theoretically, we seek a dialogue between the scholars of the literature authored by Espírito Santo in the formation of the reader and the conceptual category of otherness inserted in the theoretical matrix of Mikhail Bakhtin and the Circle. The data produced indicate the importance of spoken books to guarantee people with visual impairment, as well as to the students involved, access to works authored by Espírito Santo and the formation of the reader, in a more dialogical and inclusive context.

¹ Doutora em Educação e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente efetiva do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória. Lidera o grupo de pesquisas Núcleo Bakhtiniano de Pesquisas em Leitura, do Ifes Vitória.

² Mestre em Letras - Profletras – Ifes - Vitória e docente da rede pública municipal de Linhares – ES. Integra o Núcleo Bakhtiniano de Pesquisas em Leitura, do Ifes Vitória.

Keywords: Otherness; Readers Training; Basic Education; Spoken Books.

O livro falado na Educação Básica

O livro falado é uma ferramenta inovadora de acesso à leitura. Também é um instrumento de inclusão social que possibilita às pessoas com deficiência visual independência, agilidade e interatividade no momento de ler, permitindo ao leitor interpretar a obra e construir seu significado com autonomia, além de oportunizar sua participação ativa na sala de aula.

É um recurso atrativo que pode ser utilizado em sala de aula por todos os alunos. Há vantagens em seu uso, como poder realizar outras tarefas ao mesmo tempo em que se aprecia a leitura de uma obra, além de despertar o interesse das pessoas pela literatura.

Como os jovens são atraídos pelos recursos tecnológicos, podemos considerar o livro falado um recurso pedagógico inovador e importante na formação de leitores, além de um meio dinâmico de incentivo ao hábito de leitura, por despertar o interesse e aceitabilidade dos alunos e por ser uma atividade diferenciada na escola. Quando associado à produção em sala de aula, além de instigar esse interesse pela leitura, também valoriza a oralidade.

Jesus (2011, p. 2) afirma que o livro falado é uma tecnologia assistiva que tem como objetivo “[...] o acesso à informação com o mínimo de interferência de interpretação de terceiros”. De acordo com Menezes e Franklin (2008, p. 62-63) “[...] o livro falado apresenta apenas uma leitura branca [...], que significa uma leitura simples, objetiva, sem maiores expressões em sua narrativa, sob o interesse de representar o livro em tinta da forma mais fiel possível”.

Apesar de no Brasil, haver a Fundação Dorina Nowill para Cegos³ e o Instituto Benjamin Constant⁴ que produzem várias obras no formato digital acessível e as distribuem gratuitamente para pessoas com deficiência visual e para escolas e bibliotecas, as produções literárias de autoria capixaba não são contempladas. Diante disso, uma forma de dar acesso às pessoas com deficiência visual a obras literárias de autoria capixaba foi orientar os alunos do 9º ano, participantes da prática de leitura proposta no artigo em tela, na gravação dessas produções literárias em livros falados. Afinal, Vilaronga (2009, p. 1059) afirma que “[...] é preciso assegurar a acessibilidade a todo e qualquer indivíduo, considerando suas formas de percepção e leitura de mundo [...] porque todos devem ter acesso à cultura em igualdade de condições”.

³ Disponível em: < www.fundacaodorina.org.br>.

⁴ Disponível em: < <http://www.ibc.gov.br/>>.

Ao utilizar as novas mídias educacionais para gravar os livros falados, focamos no aluno como protagonista de questões sociais, dessa forma ele se humaniza porque passa a viver a experiência das dificuldades de acesso à leitura encontrada pelas pessoas que têm deficiência visual, ao mesmo tempo em que assume posições responsivas no ato de ler. Assim, desenvolvem o exercício da alteridade, pois pelo olhar do outro, o eu se constitui e se altera a partir da interação social.

Para gravar⁵ obras literárias, em formato de livros falados, é necessário utilizar linguagem e recursos adequados para tornar a leitura acessível às pessoas com deficiência visual. O acabamento dessas gravações vai depender das especificidades do outro, pessoa com deficiência visual, porque Sasaki (2007) afirma que somente as pessoas com deficiência sabem o que é melhor para elas, são verdadeiramente peritas nesse assunto, por isso, por melhor que sejam as intenções de quem vai produzir algo em benefício delas, é necessária a sua participação plena nas decisões que lhes dizem respeito, consultando-as e as envolvendo em tudo o que for produzido para elas, desde a elaboração até o contínuo aperfeiçoamento. Afinal, de acordo com Sasaki (2007, p. 8), “[...] nenhum resultado a respeito das pessoas com deficiência haverá de ser gerado sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência”.

Envolver as pessoas com deficiência visual no ambiente escolar de leitura é uma forma de resgatar e promover a responsividade do leitor literário em formação, em diálogo com as questões culturais do universo desses leitores. Reconhecer as dificuldades das pessoas com deficiência visual quanto ao acesso à leitura das obras literárias de autoria capixaba e gravar essas obras em formato de livro falado é dar um passo em relação ao outro, assumindo uma posição responsiva.

Para a realização do trabalho, foi proposto um diálogo entre os estudiosos da literatura de autoria capixaba na formação do leitor e a categoria conceitual de alteridade inserida na arquitetura de Mikhail Bakhtin e o Círculo, bem como o respeito às especificidades do livro falado, considerando as suas potencialidades e os sentidos da leitura diante do universo dos leitores com deficiência visual.

A alteridade Bakhtiniana

⁵Ao professor que quiser saber mais sobre como produzir livros falados, recomendamos a leitura de JESUS, Patrícia Silva de. **Manual do leitor na perspectiva da audiodescrição**: uma proposta de leitura acessível. Salvador - BA, Abril/2020. Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Manual-Ledor-Perspectiva-Audiodescri%C3%A7%C3%A3o-acess%C3%ADvel-ebook/dp/B088MN5FBQ>>. Acesso em: 30 set. 2020 e FONSECA, Grasielle Lopes Menezes da.; LIMA, Neuza Rejane Wille. **Manual de produção do livro falado** (livro eletrônico).Niterói, RJ: Ed. da Autora, 2020.

Na arquitetura do pensamento de Bakhtin e o Círculo, a presença do outro ocupa posição central nas relações sociais. O diálogo se dá na relação com o outro e, por meio dessa interação nos constituímos, atribuindo significado e sentido ao que nos cerca e com quem interagimos. A partir do momento em que me identifico com o outro e vejo o mundo através do seu sistema de valores como ele o vê, coloco-me em seu lugar e depois volto ao meu para completar seu horizonte com o que descubro do lugar que ocupo fora dele, escuto-o, percebo suas dificuldades, compreendo-as e dou a resposta a ele, mostro-lhe, o que de sua posição, ele não consegue ver. Completo-o naqueles elementos em que ele não pode se completar e, ao voltar ao meu lugar, não sou mais a mesma, altero-me também. Dou um passo, de acordo com os meus valores, que são diferentes dos do outro e, dessa forma, dou-lhe acabamento.

Bakhtin (2017) afirma que viver é tomar posição frente aos valores. Ao tomar uma posição, iniciativa, dar um passo em relação ao outro, colocar-me fora, de uma maneira única, de qualquer semelhança, reconhecendo e respeitando o lugar imprescindível do outro e suas diferenças, estou sendo responsável e responsiva e isso acontece por causa do lugar único que ocupo e pela impossibilidade de ser substituída, como afirma Bakhtin (2017, p. 96), “[...] tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca”, porque cada existir é único, por isso não há alibi. Desse modo, somente eu posso responder pelos meus atos. Ainda, segundo o filósofo russo, quando reconheço que sou insubstituível na minha participação, cada manifestação minha é transformada em um ato meu ativamente responsável.

Para nos tornarmos mais abertos ao outro, precisamos conhecer suas necessidades, conforme afirma Candido (2004) e, nesse aspecto, as obras literárias cumprem esse papel, porque manifestam emoções e a visão de mundo das pessoas, além de apresentar os problemas vividos pela sociedade; o autor assume sua posição diante deles, retratando-os de forma política e humanitária, influenciando no conhecimento e nos sentimentos do leitor, assim é importante reconhecer a leitura como prática social, pois em seus espaços de discussão, o leitor incorpora à sua experiência o que o escritor lhe oferece como visão da realidade e, dessa forma, humaniza-se.

A literatura possui essa conexão voltada para o lado humanizador do homem porque, segundo Candido (2004) satisfaz a necessidade de ficção e fantasia e contribui para a formação da personalidade, além de ser uma forma de aquisição de conhecimento. A obra literária tem relação com a subjetividade do leitor e é isso que dá vida à literatura para a formação humana.

Como forma de valorizar a cultura local e proporcionar aos alunos o contato com obras literárias de autoria capixaba para que eles tenham acesso ao texto literário, à história e à cultura de seu estado, propomos o trabalho de leitura do livro *Ciça*⁶, da escritora capixaba Neusa Jordem Possatti. A escolha se deu devido ao fato de a obra dialogar com diversos temas relacionados às questões sociais do universo dos alunos e com os quais eles se identificam. Além disso, utilizamos também a obra literária *Ciça e a melhor do mundo*⁷, da mesma autora, e a reproduzimos em livro falado como uma possibilidade de leitura acessível às pessoas com deficiência visual.

Um breve passeio pela literatura de autoria capixaba

Quando os primeiros europeus chegaram às nossas terras, o Brasil era habitado por índios. Estes, conforme Neves (2019, p. 11), “[...] não conheciam a escrita nem precisavam dela”, suas histórias eram transmitidas oralmente de uma geração a outra. Dessa forma, os registros escritos dos portugueses constituem os primeiros textos produzidos sobre o Brasil e sobre o Espírito Santo, cuja função era informar ao rei de Portugal as características da terra descoberta, úteis ao propósito de colonização, não havendo preocupação em se fazer literatura.

De acordo com Ribeiro (2010), a literatura sobre o Brasil tem início com a carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, descrevendo a fertilidade do solo e as riquezas de nossas terras. Entre os textos que compõem a literatura informativa sobre o Brasil há várias referências ao Espírito Santo. Padre José de Anchieta inaugurou a literatura brasileira no Espírito Santo, escrevendo poemas e peças teatrais, que tinham como cenário a Vila de Vitória. Neves (2019, p. 23) afirma que “Dentre os doze autos escritos por Anchieta, oito apresentam temas ligados à capitania do Espírito Santo e aqui foram encenados pela primeira vez”.

Ribeiro (2010) afirma que, em quase todos os momentos, desde o Brasil colônia, tivemos representantes capixabas nas diversas manifestações estéticas. Porém, o Espírito Santo sempre ficou à margem do centro cultural, político e econômico do Brasil, as atenções se voltavam para os outros estados da região sudeste, visto que o movimento Barroco floresceu na Bahia; o Arcadismo, em Minas Gerais e, com a descoberta do ouro, houve um

⁶POSSATTI, Neusa Jordem. **Ciça**. 8. Ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁷POSSATTI, Neusa Jordem. **Ciça e a melhor do mundo**. Serra: Gráfica e Editora Formar.

esvaziamento do nosso estado; o Rio de Janeiro foi palco para o Romantismo e o Realismo; e São Paulo deu clima e contexto para o surgimento do Modernismo.

Devido à dificuldade de publicação, os textos literários de autoria capixaba eram divulgados em jornais e revistas e o diretor do jornal A GAZETA abria as páginas das edições de domingo com trabalhos de escritores capixabas, incentivando as produções literárias locais. Esses escritores só conseguiam algum destaque nacional quando saíam do Espírito Santo, buscando auxílio nos estados vizinhos, onde podiam escrever e serem lidos, conforme Ribeiro (2010). Somente no final dos anos 70, com a industrialização e o crescimento da Grande Vitória, houve aumento da população escolarizada, proporcionando a formação do público leitor e o desenvolvimento da literatura no Espírito Santo.

Existem alguns programas que tentam divulgar e fazer circular as produções literárias de autoria capixaba, como a Lei Rubem Braga e a Lei Chico Prego, a promoção de eventos como a Feira Literária Capixaba e a Bienal Capixaba do Livro, além da divulgação dessas produções pela internet, na página Bravos Companheiros e Fantasmas e nos sites *Estação Capixaba*⁸ e *Tertúlia Capixaba*⁹. Sodré (2018) afirma que o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) promove reflexões críticas sobre as manifestações literárias no nosso estado e organiza documentação sobre os principais autores e obras, divulgando-os para os leitores. Além disso, faz levantamento e processamento de itens documentais da memória literária capixaba, contribuindo para o conhecimento mais abrangente da realidade regional. O Neples desenvolve várias atividades sob a forma de pesquisa, dentre elas estão a publicação de material impresso e/ou virtual, a promoção de seminários bienais, a participação em eventos literários e culturais e o incentivo à formação de novos quadros de pesquisadores da literatura feita no Espírito Santo.

Apesar disso, a literatura produzida no Espírito Santo ainda é classificada como marginal, devido à dificuldade de divulgação e circulação das obras de autoria capixaba, o que impede que elas cheguem ao conhecimento do público leitor. Por haver pouco investimento do setor público na divulgação das obras produzidas no Espírito Santo, bem como uma estrutura ainda deficitária nas escolas no que tange ao acesso à leitura (poucas bibliotecas, ausência de bibliotecários nas escolas, pouca distribuição dessas obras nas instituições escolares etc.), poucas escolas trabalham ou incentivam a leitura dessas obras.

Essa marginalidade da Literatura de autoria capixaba é alteritária. A alteridade está no fato de o leitor se constituir a partir do reconhecimento de si próprio, da sua cultura e do seu

⁸ Disponível em: <<http://www.estacaocapixaba.com.br/>>.

⁹ Disponível em: <<https://www.tertuliacapixaba.com.br/>>.

espaço. A marginalidade, ou estar à margem das produções canônicas, revela traços peculiares e nem tão formatados ou padronizados como os da cultura hegemônica.

De acordo com Ribeiro (2017, p. 216), “[...] garantir o contato do aluno com a literatura do Espírito Santo por meio da prática de leitura dentro ou fora da sala de aula é possibilitar a esses sujeitos que leiam e compreendam a si próprio e o entorno onde estão inseridos”.

O contato dos alunos com a literatura de autoria capixaba reafirma um trabalho com as produções ainda marginais e pouco prestigiadas nas escolas, colocando-os diante de outros universos que os aproximarão do sentido da alteridade.

Oportunizar a leitura de obras de autoria capixaba colabora para que o aluno reconheça de forma concreta autores do seu próprio Estado, uma vez que a maior preocupação das aulas de literatura é contemplar obras de autores brasileiros. É por isso que essa relação - aluno e literatura de autoria capixaba - precisa garantir que, além de conhecê-la, valorize os escritores de sua própria região. A partir dessa proximidade, o aluno terá subsídio para protagonizar suas próprias escolhas, ampliando seu conhecimento literário.

O livro falado em sala de aula

Optamos por gravar em livro falado a obra literária *Ciça e a melhor do mundo*, da escritora capixaba Neusa Jordem Possatti e criamos sugestões de atividades para mediar um trabalho inclusivo de leitura com esse livro, tendo em vista a acessibilidade dos leitores com deficiência visual à leitura de obras literárias de autoria capixaba, com questões e temáticas pertinentes à sua compreensão. É importante oferecer e disseminar novas formas de acesso à leitura que superem as limitações do livro impresso e possibilitem o acesso dessas obras aos alunos com deficiência visual.

Durante a leitura do livro *Ciça* percebemos que a história retrata o preconceito dos meninos em relação ao futebol feminino, conforme os trechos: “O Macalé está na arquibancada fazendo troça de nós, meninas de calção, jogando um jogo que é de meninos” (POSSATTI, 2012, p. 20) e logo em seguida “Macalé grita que o meu time é perna-de-pau – e é mesmo” (id., p. 21). A partir dessa constatação, elaboramos atividades pedagógicas com o tema *Ciça e o futebol*. Os objetivos dessas atividades foram contribuir com a inclusão de leitores com deficiência visual e com a formação do leitor literário, no Ensino Fundamental II, por meio da leitura e da gravação da obra literária de autoria capixaba, em formato de livro falado; valorizar o futebol feminino; apresentar os motivos para a existência de preconceito em relação a essa modalidade; definir o que fazer para quebrar o preconceito existente em

relação à prática desse esporte por mulheresse realizar, por fim, um debate regrado sobre esse tema.

Sugerimos um diálogo inicial para sabermos se os alunos gostam de futebol, se valorizam o futebol feminino, como percebem a inclusão da mulher no esporte e, se no grupo deles, meninos e meninas têm a mesma oportunidade de participar das competições. Relembramos então as atletas reconhecidas, entre elas, Marta.

Em seguida, para dialogar com a obra *Ciça*, indicamos a leitura de outro livro da mesma escritora capixaba: *Ciça e a melhor do mundo*, em livro falado. Nessa obra, apesar de ter perdido uma perna, Ciça não deixou de fazer o que mais gostava: jogar futebol. Segundo a menina, os meninos com quem ela joga costumam a admitir que ela é craque nessa modalidade de jogo e, como Ciça diz, melhor que ela, só a sua amiga Marta. Nessa história, podemos observar que foi mais difícil para Ciça jogar no time dos meninos do que superar a deficiência. Assim, sugerimos o diálogo com os alunos, perguntando-lhes por que há tanta resistência dos meninos em aceitar e reconhecer que uma menina também pode ser uma boa jogadora de futebol.

Observamos também nessa história que, assim como Macalé não apoiava que Ciça jogasse futebol, os irmãos de Marta também não. Além dessa falta de apoio dos irmãos, Marta também sofreu ao ter contato com as meninas cariocas, mas isso não a fez desistir de seus sonhos. Nesse momento, sugerimos novamente o diálogo com os alunos para que eles pontuem o que motivou Marta a continuar lutando pelo seu sonho.

Podemos observar que, em um jogo de futebol, as emoções são variadas e, às vezes, até fogem ao nosso controle, são explosões de felicidade e de tristeza que não acabam mais. E, em meio a essas emoções, há os sonhos de muitos meninos e meninas em se tornarem jogadores de futebol. A música *É uma partida de futebol*¹⁰, de Skank, apresenta essa mistura de emoções em uma partida de futebol, por isso sugerimos a apreciação da letra dessa música para dialogarmos com os alunos acerca de como eles se sentiriam se fossem impedidos de realizar seu sonho e por que o futebol feminino é tão desvalorizado.

Assim como existem meninas que são “pernas-de-pau” também existem meninos na mesma situação. Para dar sequência ao trabalho, sugerimos a leitura do texto “Um sonho no estádio vazio”¹¹, de Moacyr Scliar, que conta a história de um menino cujo sonho era ser um grande jogador de futebol, porém não tinha habilidade no campo, tornou-se então jardineiro e

¹⁰ Disponível em <<https://www.letras.mus.br/skank/72339/>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

¹¹ SCLIAR, Moacyr. **Contos e crônicas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 31-32.

exercia muito bem a profissão. Para realizar essa leitura, o professor pode solicitar que a turma se divida em grupos e pedir a cada um que, após ler, apresente um parágrafo do texto, contando a história. Em seguida, é importante dialogar com os alunos acerca da história, para que eles opinem sobre a possibilidade de o jardineiro ter se tornado um grande jogador de futebol caso tivesse participado de treinos ou feito escolinha de futebol. Outra questão a ser discutida é se o jardineiro conseguiu lidar com suas frustrações. Ainda podemos questioná-los se vale a pena insistir em correr atrás de um sonho que não tem possibilidade de se realizar e se eles apostariam em uma profissão para a qual não têm a menor vocação. Para finalizar o diálogo, é importante questioná-los sobre o que sabem a respeito da jogadora Marta.

Em seguida, sugerimos a leitura circular de um trecho de entrevista dada por Marta, disponibilizada pela assessoria CBF, intitulada *Marta: entrevista com a Rainha do Futebol, seis vezes Melhor do Mundo*¹², do dia 24/10/2018. Após a leitura, é importante questionar os alunos sobre o que fazer para quebrar o preconceito existente em relação ao futebol feminino.

A prática de oralidade proposta aos alunos foi um debate regrado sobre o tema deste encontro.

O **debate regrado** é um gênero textual oral argumentativo em que os participantes, por meio de regras previamente acordadas, defendem um ponto de vista sobre determinado assunto e conhecem o ponto de vista alheio, tendo como objetivo último um maior conhecimento da questão (ORMUNDO; SCORSAFAVA, 2013, p. 238).

Para a realização desse debate, iniciamos perguntando aos alunos se o futebol feminino pode contribuir para mudar a mentalidade das pessoas. De acordo com as respostas, formam-se os grupos com os colegas que têm a mesma opinião sobre o assunto. Cada grupo elege um redator, que registra os argumentos que sustentam a posição do grupo. Além disso, deve haver também um mediador para conduzir o debate. Depois da apresentação de todos, conclui-se o debate, indicando qual das opiniões prevaleceu. Por fim, os alunos avaliam os argumentos utilizados, se houve respeito durante a apresentação dos relatores, se todos puderam expor seus argumentos e quais aspectos precisam ser melhorados para os próximos debates.

Observamos que a obra literária *Ciça e a melhor do mundo* dialoga com vários textos. Conforme Bakhtin (1997), a linguagem é, por natureza dialógica, sempre estabelece o diálogo entre dois discursos.

¹²Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/cbf-tv/marta-igualdade-referencia-e-musica>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem autossuficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro. Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal (BAKHTIN, 1997, p. 316).

O dialogismo descrito pelo filósofo russo acontece na relação entre os vários gêneros textuais utilizados nesse encontro, visando assim um trabalho consistente de leitura em sala de aula.

Então, para finalizar o encontro, sugerimos a leitura do e-book *Meninas não choram, jogam futebol*¹³. Essa obra mostra que diante de uma dificuldade, algumas pessoas se tornam gigantes. A protagonista, de apenas 12 anos, quer a todo custo ajudar a família e, por amor tanto à família quanto ao futebol, a menina fez de tudo para entrar para o time da Escola Tradicional de São Paulo. Outra sugestão de leitura é o gibi *Ciça boa de bola*¹⁴, da escritora capixaba Neusa Jordem Possatti, apresentando uma releitura do livro *Ciça e a melhor do mundo*.

Elaboramos esse encontro, buscando ressaltar a importância da leitura como veículo de transformação da prática do seu ensino na escola, com vistas a um melhor relacionamento dos alunos com a leitura literária, proporcionando-lhes momentos para se encantar com o ato de ler, além de apresentar-lhes o poder que ela tem de transformar a realidade do leitor.

A literatura deve permitir a acessibilidade a todos, independente de sua condição, não se restringindo apenas a uma prática de escolarização, pois o papel social da literatura vai muito além de conhecer as obras literárias e as escolas nas quais estão inseridas. Ela deve permitir que o aluno amplie seu repertório cognitivo de forma a se tornar um cidadão autônomo.

Desse modo, esperamos que as sugestões propostas contribuam com a circulação da literatura na escola, podendo estar presente em outras práticas que incluam alunos com deficiência visual e os seus colegas leitores, de modo a ampliar o espectro da leitura e das relações humanas em uma perspectiva alteritária.

O livro falado e as vozes dos participantes

¹³Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Meninas-nao-choram-jogam-futebol-ebook/dp/B00U8ZNKMM>>. Acesso em: 02 set. 2020.

¹⁴JORDEM, Neusa. *Ciça: boa de bola*. Espírito Santo: Ed. Formar, 2018.

Depois de gravarmos o livro falado, foi necessário validá-lo, porém, devido à pandemia, a gravação foi enviada via *WhatsApp* para as pessoas com deficiência visual, participantes do trabalho, e posteriormente fizemos um encontro virtual para dialogarmos a respeito dessa gravação, pois uma vez que pretendemos tornar acessível a leitura de obras de autoria capixaba por meio de livros falados para as pessoas com deficiência visual, é importante saber delas se a gravação ficou adequada e se atende aos fins propostos, afinal elas são verdadeiras peritas nesse assunto, por isso há a necessidade de consultá-las.

Uma das expectativas desse diálogo era que os participantes nos dessem dicas de o que fazer para que o livro falado fosse realmente acessível às pessoas com deficiência visual. Observamos pelos depoimentos que não basta o leitor ter boa dicção e seguir as estratégias de leitura, é muito importante atentar também a como gravar essas obras em livro falado para que não haja ruído e seja compreensível ao leitor.

As respostas pontuadas nos mostram que precisamos desse outro e que ele não deve ser ignorado, não podemos ser indiferentes à singularidade dele nem podemos perceber suas dificuldades e não agir para modificar a sua realidade, porque é ele que nos constitui e expande nossos horizontes.

Na medida em que reconhecemos o lugar e a voz do outro, assumimos uma postura ética, ativa, responsiva e responsável diante da vida. Ao nos colocarmos no lugar e nos vermos pelos olhos do outro, poderemos perceber que seus problemas e necessidades são tão nossas quanto aquelas que estão diretamente relacionados a nós.

A inclusão vai muito além de oferecer um espaço adaptado às limitações da pessoa com deficiência. Precisamos nos modificar e reconhecer que o outro não está alheio ao mundo e que é um direito dele ser protagonista de sua história, intervindo e modificando sua vida.

De acordo com Sasaki (2010, p. 39) inclusão social é “[...] o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência (além de outras) e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade”. Para incluir todas as pessoas, é importante que a sociedade entenda que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus integrantes e, a partir disso, modificar-se, dando condições a todos de buscarem seu desenvolvimento e exercerem a cidadania. Este depoimento de um dos participantes foi feito por *WhatsApp*:

Eu achei até interessante aquela forma que você apresentou de utilizar a faixa etária pra aquela voz ali... Daquela menina de quinze anos, fazendo aquela leitura, a gente acaba viajando, sim. E nós, deficientes visuais, precisamos disso [...] A forma que aquela menina se expressa na leitura, isso

vai contribuir também pra nossa expressão de vida... Muitas vezes a gente olha os nossos deficientes visuais assim: muitas vezes apático, entendeu? Sem expressão, quieto no canto, com o celular na mão, um fone de ouvido... E aquela voz robótica no ouvido. E muitos quando a gente conversa, eu já percebi isso quando eu estive lá no Instituto Braille, quando eu me aproximava de alguns deficientes visuais... Não tiveram esse convívio... Convívio social tão forte, ou seja, as pessoas deixavam esse deficiente visual mais excluído e ele ia pro Instituto Braille e encontrava muitos ali, eu chegava pra conversar e bater um papo com essas pessoas e eu percebia que as palavras deles, a conversa é uma palavra justamente bastante robótica, é uma palavra, informações, que ele ouvindo através do celular, olha só que interessante, aquela voz, aquele negócio robótico, e a gente vai captando, vamos nos alimentando daquilo, daquele sintetizador de voz robótico, se torna assim, robôs. Então, muitas vezes os nossos deficientes visuais precisam sim de estar mais próximos do ser humano... Estar mais próximo do ser humano, do outro. Então, essa forma, a forma da leitura veio pra contribuir muito da forma que você está conduzindo... É uma forma de inclusão social gigantesca. Olha só que interessante, eu gostei muito, porque pode contribuir para todos os alunos, quem nem tem uma deficiência, os ditos normais, possam também estar escutando... Então, professora, está previsto na lei, no estatuto da pessoa com deficiência, as tecnologias assistivas, direito à comunicação, direito à informação, enfim, mas essa forma da leitura mais humanizada é muito importante, olha que interessante, porque infelizmente as nossas famílias, hoje, não faz a leitura como minha mãe fez pra mim de estar lendo todo dia um pouquinho. As famílias de hoje, com esse tempo corrido, essa correria toda, não têm tempo mais... Os nossos deficientes visuais estão se tornando muitas vezes como os robôs, sem familiar e vai vivendo assim [...] O livro falado dessa forma humanizada é extremamente fundamental. É uma contribuição muito grande para a formação atual, a formação do ser humano como um todo, dessa pessoa que é um deficiente visual para se expressar. Tá bom, minha professora? Te agradeço.

A importância que as pessoas com deficiência visual dão aos livros falados, por serem gravados com voz humana, revela-nos que o produto humaniza a leitura, além de aproximar o leitor de seus outros. É como se alguém realmente estivesse ao lado delas, lendo o livro. Muitas pessoas com deficiência visual escutam as obras literárias com os leitores de tela porque não têm acesso a esses livros de outra forma. As instituições que produzem livros falados não dão conta de atender à demanda de obras publicadas, por isso propor esse trabalho aos alunos é uma forma de sensibilizá-los e tornar acessíveis mais obras literárias publicadas, principalmente as de autoria capixaba.

Recebemos também a avaliação de Cida Leite, consultora em audiodescrição:

Gostei muito do livro, da história porque tem uma mensagem muito clara, muito forte de como as pessoas podem lidar com as dificuldades, está fácil de entender. A pausa, a edição e a entonação também estão adequadas. Bem adequadas inclusive à proposta do livro, à faixa etária dos leitores naquele livro se propõe que sejam os leitores alvos dessa literatura, nesse estilo literário. Eu acredito no livro falado como um recurso muito interessante

para trabalhar na escola e não apenas com as crianças ou com adolescentes ou com adultos com deficiência visual, mas com todo o público, até para as pessoas compreenderem como é interessante o livro falado e isso pode também servir de estímulo para outros alunos ou para professores, enfim, para toda a comunidade escolar. Sem dúvida que o livro falado, principalmente no país como o nosso, em que nem todas as escolas, sobretudo as escolas públicas, têm recursos de tecnologias mais avançadas, o livro falado é uma tecnologia assistiva que também possibilita a inclusão do estudante com deficiência visual.

A especialista Cida Leite também destacou em sua fala as potencialidades do trabalho com o livro falado, para além do público com deficiência visual, visto que a experiência de leitura pautada, principalmente, na oralidade poderá contribuir com outras questões atinentes à inclusão escolar por meio da “acessibilidade comunicacional”:

Aliás, a gente também tem notícia, a partir de estudos, que a o livro falado, assim como outros recursos, atende a outras crianças que têm alguma dificuldade, por exemplo, de dislexia, que também se beneficiam com os recursos de tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual. Então, crianças com dislexia, crianças com autismo, crianças com alguma deficiência intelectual. Enfim, esse é mais um caminho de acessibilizar a leitura para as crianças que se receberem esse tipo de acessibilidade comunicacional, porque também é uma acessibilidade comunicacional, enfim, para nós alcançarmos a inclusão escolar e inclusão social, em todos os âmbitos da sociedade, de toda a vida da pessoa, que ela possa participar de forma autônoma. Eu acredito também nesse recurso para formarmos o público leitor e reforçando é um dos recursos mais baratos, menos onerosos que existem, que não sendo profissional, aliás, eu tenho até notícia de que quem trabalha com audiolivros também não recebe bem por narrar um audiolivro. E no caso do livro falado, que foi o que você fez, que a proposta não era profissionalizar, tem um direcionamento, um objetivo diferenciado do livro comercializado. Então, para mim, contribui para a formação do leitor com e sem deficiência visual. Eu tenho cinquenta anos, desde os treze anos eu leio livros falados e graças a esse recurso é que eu posso dizer que eu tenho uma bagagem literária bastante extensa, há muito tempo já tenho condições de dizer, de que estilo literário eu mais gosto, em que momento eu tenho condições de ler determinados autores, determinadas obras, vou buscar sinopses para ver se me interessa realmente. Então, sempre muito grata e muito respeito por todas as pessoas que difundem esse recurso. E, geralmente, de forma voluntária, como é o que você está fazendo agora. Então, parabéns mais uma vez. E você está contribuindo muito para formação dos leitores com e sem deficiência visual.

Conforme explicita Candido (2004, p. 180) “[...] a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. E Petit (2009, p. 43) dialoga com tal reflexão afirmando que

Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente (PETIT, 2009, p. 43).

Pelos depoimentos comprovamos a importância da leitura na formação de pessoas capazes de interagir no mundo de forma mais humana, criativa, reflexiva a partir da relação de alteridade própria do ato de ler. Podemos extrair das leituras que fazemos experiências que enriquecem nossa vivência, pois elas agem sobre o leitor e expandem seus horizontes, permitindo que ele se identifique, interaja e dialogue com as personagens. É um recurso importante para se trabalhar na escola, pois contribui com a formação do leitor e com a inclusão das pessoas com deficiência visual no universo literário, dando acesso à leitura das obras literárias de autoria capixaba a todos os leitores de forma autônoma.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DOF. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

JESUS, P. S. **Livros sonoros, audiolivro, audiobook e livro falado**. 2011. Disponível em <<http://www.bengalalegal.com/livros-sonoros>>. Acesso em: 08 set. 2019.

MENEZES, N. C.; FRANKLIN, S. **Audiolivro: Uma Importante Contribuição Tecnológica para os Deficientes Visuais**. In: Ponto de Acesso - Revista do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 2, n. 3, p. 58-72, dez. 2008. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3213/2337>>. Acesso em: 08 set. 2019.

NEVES, R. S. **Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo**. 2. ed. Vila Velha; Vitória; Cariacica: Estação Capixaba; Neples; Cândida, 2019.

ORMUNDO, W. SCORSAFAVA, M. **Conexões em língua portuguesa: produção de texto**. Volume único. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2013. p. 238.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIBEIRO, F. A. **A Literatura do Espírito Santo: ensaios, história e crítica**. Serra: Formar, 2010.

RIBEIRO, R. J. A leitura e o ensino de literatura do Espírito Santo no ensino médio: tensões e divergências. **Revista Científica UMC**. Mogi das Cruzes, v. 2, n. 2, agosto, 2017. Disponível em: <<http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/140/123>> Acesso em: 16 fev. 2019.

SASSAKI, R. K. Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1. **Revista Nacional de Reabilitação**, ano X, n.57, jul./ago. 2007, p. 8-16. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/nada-sobre-nos>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

VILARONGA, I. A dimensão formativa do cinema e a audiodescrição: um outro olhar. II Encontro Nacional de Estudos da Imagem. Londrina-PR, p. 1056-1063. 12, 13 e 14 de maio de 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Rodrigues_Iracema%20Vilaronga.pdf> Acesso em: 16 fev. 2019.